

O Espozendense

ANO XXX

ESPOZENDE, 7 DE JANEIRO DE 1923

NUMERO 1:023

Semanario republicano, independente defensor dos interesses deste concelho

Director, administrador e propriet.—José da Silva Vieira

Editor—Julio de J. Giesteira Lima

Composição e impressão—Typ. Espozendense—Espozende

ASSIGNATURA

Anno, sem estampilha 8\$000 rs.—Numero avulso 200 rs.—Com
estampilha e para fóra 10\$000 rs.—Brasil, (Moeda forte), 30\$000 rs.
Pagamento adiantado. Redacção e administração—Rua Veiga Beirão, 7 a 9—Espozende.

ANNUNCIOS

Judiciaes: linha ou esp. de linha 1\$000 esc.—Comun. ou re-
clames, linha 50 c. Imposto do sello, cada publicação. 15 c. — Anuncios
particulares: linha 70 c. Reclames e obras literarias med. um exemp. Não se restituem originaes.

Este n.º foi visado pelo snr. Administrador do Concelho.



A todos os nossos bondosos assinantes, distinctos colaboradores e prezados colegas no jornalismo—os nossos cumprimentos de—

BOAS-FESTAS.



CARTAS DO BRAZIL

MEU QUERIDO CONFRADE

Alvaro Pinheiro

Mando-lhe um abraço, tão grande como a saúde por essa linda terra onde cada rosto feminino alvorece de mil encantos e cada calice de flor desabrocha em ondas de perfume e em cada ramo ha um *Te-Deum* de alegria a correr do espirito a flor do Tédio.

As flores do Sonho, flores que teem as suas raizes na alma e a sua corola nos labios, comecam-me a rolar no chão, açoitatadas pelo azorrague inexorável da Nostalgia.

Quem não há-de ter no coração a saúde por esse paiz onde as estrelas se acardumam em sintilos tremulos e o sol faz crescer as arvores e cantar as aves?

Portugal é um tesoiro
Que o sol roubou ao mar;
Tem jardins, com flores d'oiro,
D'una belesa sem par.

Ninguem saia do paiz
Por mais que seja a cubiça.
Aqui não se faz justiça,
Aqui ninguem é feliz.

Não ouço as aves canóras,
Não escuto as melopeias...
E choro as lindas auroras
Que cantei n'essas aldeias.

Eu hei-de em breve voar...
Eu hei-de em breve partir...
Eu quero ainda sorrir
Na pobreza do meu lar.

Não há no mundo, assevéro,
Paiz como Portugal!
Seu sol tem o reverbero
D'um bandolim de cristal...

O seu livro, de uma natura-

lidade tão justa quanto encantadora, acusa o seu passeio á Suissa, que é de um encanto unico quando as suas montanhas estão cobertas de neve, *au glaciers*—como dizem os parisienses.

Viu o Danubio, o Rodain? o Reno? Admirou? como poeta, os Alpes, o Finster-sar—Horn, o S. Gotar: o Monte da Rasa e o Monte Branco, a mais alta montanha? O que não viu foi o Landemann, a que nós chamamos—*Presidente*.

Pela sua poesia—*Esquisitas*, datada de Vevey—Montreux—vejo que as helveticas são frias como estatuas de necroterio.

No nosso paiz, onde o sol faz cantar as aves e reverdecer as plantas, as mulheres são de uma belesa espiritual e casta.

Muito airosas no primôr d'estatuaria carnal, com os seus trages garridos, que lhes dão as graciosas ondulações caprichosas, de modo que... a belesa oculta desafia a nossa imaginação de poetas...

E quando elas, ao cair da tarde, na levada, com a saia *arregaçada* acima do joelho, um pouquinho acima, se bamboleiam como um pandeiro e cantam as quadras dos seus poetas queridos e outras que elas inventam, porque a raça lusa é poeta? Não sei.

O poeta, a eterna criança, embora a neve lhe caia ao longo da sua estrada, não resiste a tanger a lira e a pensar no peccado que tornou vencido Holofernes, que deu a morte ao Bâtista e que fez a Sansão beijar os falsos deuses.

Gosto da sua poesia—*Ao deixar a Patria*:

«Ficam ao longe e não as vejo bem
Lindas terras da Patria que estreiteço...
Aqui—tristes casoes, que eu desconheço,
Ali—belos palacios de quem tem!

Quando n'um vôo de aguia deixou esse pequenino mas glorioso canteiro—Portugal—que tem um poema d'oiro, onde há luminosos reverberos de genio, estrofes moduladas pelo sentimento; que desfraldou bandeiras e tomou cidades, que subjugou reinos onde nunca o poderoso Alexandre nem o afamado Hercules poderam chegar,—sentiu a nostalgia!

Ah! O que não diria se vivesse com o eu, separado pelo Atlantico, cemiterio de tantas vidas!...

Para se avaliar o amor da Patria, é preciso sair d'ela por algum tempo.

N'um paiz onde há gente de todas as nações, onde o crime é cometido em grande escala, onde o gatuno é acويمado de aguia e onde o talento é joia que raro aparece no mercado, a gente não vive como ahi. Depois, devo dizer-lhe, entre os intelectuais brasileiros vive uma pontita de odio para com os nossos...

Quem vive aqui pelo miseravel officio de escrever, é que avalia. Mas peor, mais revoltante, é a politica a cevar a vingança entre os proprios patricios!

Eu tenho feito varias conferencias.

Ainda ha dias fiz uma em beneficio da Cruz Vermelha de Portugal, onde se fez representar o presidente da Republica brasileira, o ministro do Japão, etc., e não poupo a thalassada, se bem que a Republica ahi tenha andado mais assanhada de que um gato em Fevereiro.

Se imaginasse que cairia tao depressa na ambição e na perseguição, não faria o que por aqui tenho feito e escrito em prol.

Eu escrevo uma secção no *Correio da Noite*, e azorrago a thalassaria, que barafusta. Mas eu sou o que ahi era; e apesar de muito trabalho e do calor asfixiante, cada vez me relaciono mais com Buchner, e d'ele sei quem somos, de onde vimos e para onde vamos; indago de Vogt e a maneira porque funcionam os nossos orgaos, e não me é desconhecida a filosofia da rasão de Schoebel.

A leitura é a unica distração que dou ao meu espirito.

Sem modestia, como convém que seja de amigo para amigo, devo dizer-lhe que me sinto mais instruido e mais conhecedor dos ramos de sciencias naturais, porque aqui há brasileiros que teem valor e instrução. Não é o que por ahi se pensa deles. São poetas e literatos dignos de estima.

Convivo mais com eles do que com os nossos, porque nos entendemos melhor...

Há dias mandei-lhe o *Thamar*, um poema biblico do meu confrade Inacio Raposo, deputado e jornalista.

O exemplar do seu livro, destinado ao *Gremio*, vou-lh'o

entregar, porque o tal gremio está em decrepitude, e em mãos de poeta terá o livro mais apreço e valor.

Vejo, pelo seu *Longes*—titulo divino!—que, apesar de ser pai e esposo, ainda tem quiméras cor de lis na alma alacriante e róseas esperanças nos sorrisos das raparigas da nossa Patria.

E' mais feliz do que eu! Trouxe-me para aqui um dissabor, mas breve voltarei á terra lusa.

Há tempo escrevi uma carta a seu respeito na *Vida Nova*.

Não a leu?

Já há tempos que me não tem publicado cartas; no entanto, eu tenho-as enviado. Não as terão recebido? E' provavel.

Eu estou a escrever um livro cheio de saudades, e tenciono publical-o ahi porque não o quero desnacionalisar.

Não me dê ao diabo, mas eu andava morto por saber de si, porque jámais o esquecerei! Fômos os dois, ao mesmo tempo, a levantar o vôo poetico, a curvar a frente diante de Apolo...

Quando estiver aborrecido, atire para aqui com duas frases.

Eu, mesmo n'este oceano de povo, não posso olvidar os amigos.

Rio de Janeiro.

Albino Bastos

Intolerancia

Há, neste Pais, uma falta de respeito tão grande pelo pensar dos outros, que só pode ser explicada por uma falta absoluta de educação. E o que entristece e alarma, é que essa falta de respeito se manifesta, geralmente, nas classes menos instruidas como nas mais cultas, afirmando um nivelamento desgostante e inferior.

Efectivamente, se quizermos encontrar a verdade deste acerto, não temos que procurar muito. Encontramo-la nas lutas dos politicos, nas discussões religiosas, e creio até nas discussões das pessoas que se dizem amigas e que encontram em desacôrdo a respeito de qualquer assunto.

Os monarquicos, falam dos

republicanos como de *fucinas*. Por sua vez, os republicanos têm os monarchicos como uma *malandragem*.

E não é difficil reconhecer que a circumstancia de encontrarem-se em partidos diversos, é bastante para que uma parte dos republicanos considere a outra parte um cambada, do mesmo modo que os monarchicos constitucionaes tem pelos integristas, e estes por aqueles, a consideração que é costume ter-se por uma corja.

E' triste, mas é assim.

Dizem-no em conversas, escrevem-no em letra redonda.

E ve-se que neste Pais de seis milhões de almas, todas ou menos tementes a Deus e ás suas leis; metade da população chama malandrage á outra metade, de que lhe retribue chamando-lhe «cambada».

Isto, *politicamente falando*.

Sob o ponto de vista religioso, é pior ainda.

Para o «bom catolico», quem não se confessar nem tór a missa, é má pessoa.

Esperam-o no outro mundo as penas eternas, e neste é, pelo menos um, «bandido».

Mas lá por seu lado, o «livre pensador» entende que isto de pensar livremente é só para ele; implica com os que pensam por modo diveso e, tendo cortado relações com o Padre Eterno, tomou a resolução inabalavel de exterminar pela sua acção energica e eficaz, os padres, os bispos e o Papa; incomodam-no as prossições e tudo quanto representa o pensar diverso do seu, que quer ser livre, sem todavia dar liberdade aos outros de manifestar um pensamento.

Isto é assim; e infelizmente tem sido sempre assim.

E', porem, necessario que não continue; por todas as razões, e até para evitar o espectáculo que damos e que não tem nada de interessante.

Pois não será facil reconhecer a cada um direito de pensar como quizer? Pois não é merecedor do nosso respeito a pessoa que pensando diversamente de nós, está, no entanto, convencida de que as suas ideias são as melhores? Pois não é obrigação, a que não ha direito de faltar, reconhecer e respeitar o modo de pensar diverso, quando seja sincero?

Creio que a maior intolerancia tem por causa principal a preguiça do raciocinio. Se as pessoas intolerantes raciocinassem um pouquinho, já se não manifestariam assim. As que são sinceras.

E' bem sabido que não se «apanham moscas com vinagre»; e os homens que nasceram brancos, em terra de gente branca, reagem por instincto contra o chicote.

Se alguém procurar mostrar-me que eu, em dado momento procedo mal; se, com serenidade e procurando convencer-me, alguém discutir comigo, opondo argumentos aos seus argumentos—é facil que eu aceite a discussão. E não deixarei de confessar o meu erro, se em erro estiver, mudando de opinião, se a minha fór a má.

Mas se, pelo contrario, alguém quizer impôr-me o «crê ou morres», eu reajo instinctivamente descomponho e insulto se me descompuzerem e insultarem, no uzo do direito que é legitimo e se traduz no «danço como tocares».

Nós somos, em geral, assim.

Corre nas nossas veias um sangue que é demasiado quente para aceitar, sem reagir os argumentos de força; e conservando ainda hoje o orgulho das valentias e proezas que praticaram os velhos da nossa raça, entendemos que nos ficaria mal aceitar sem condigno troço, uma imposição de qualquer pessoa.

De aí, em grande parte, a intolerancia que se nota na sociedade em vivemos, a preocupação que todos temos de «pagar em igual moeda».

Mas não é esta a causa unica.

Uma parte da população portuguesa, sendo analfabeta e inconsciente, dá-se em todo o caso «ares». Disseram-lhe — dizem-lhe desde 1820—que é o povo e que, por ser povo, é quem manda; que tem direitos, e que os deve fazer valer. Envaideceram-no, lisongearam-lhe a vaidade, e especulando com ela aproveitando-a para a realização dos seus fins deram-lhe ensinamentos que se não compadecem com a tolerancia ou com o respeito pelo pensar alheio.

Esqueceram-se apenas de dar-lhe instrução e de educarem. Esqueceram-se de ensinar-lhe que o povo que manda necessita de preparar-se para saber mandar, que o povo só pôde mandar em regime que tenha verdadeira concepção de liberdade; e que a liberdade não pode nunca existir, num pais em que o pensamento não seja livre nas suas manifestações de exteriorização, tendo apenas como limite o ponto onde termina, o que é o direito dos outros.

Se amanhã, todos nos compenetrarmos; ou da verdade que existe na maxima crista que nos ensina a não fazer mos aos outros o que não queremos que nos façam a nós; ou do ensinamento que resulta deste velho axioma das democracias, que nega a existencia da liberdade quando ela não existe, simultaneamente, para toda a gente,—a intolerancia desaparecerá.

E se estado fór este, de perfeição considerada inatingivel, que tenhamos de por de parte, ao

menos procuremos o que é a nossa obrigação procurar, ensinando e dando o exemplo—de que temos, pela nossa cultura e pela nossa educação, esse dever—que só podemos ser respeitados, se respeitarmos os outros e que as ideias não são impostas, mas se impõem por si proprias. E sobretudo, procuremos convencer—depois de nos convencermos a nós proprios—que em toda a parte ha sinceros e que esses estejam onde estiverem, merecem o nosso respeito.

Depois—dando o seu a seu dono—ainda ficará muito, infelizmente, para ser a «cambada, a malandragem, a corja.»

PEDRO PITTA.

Caminhos de Ferro

«O Correio do Minho» trouxe-nos a noticia, transcrita no ultimo numero do «Espozendense» de que o illustre Chefe do Distrito, Cap. José Barboza, enviara ao nobre titular da Pasta do Comercio um officio reclamando para a construção da linha ferrea de Braga aos Arcos prioridade sobre a de Braga a Espozende cuja concessão foi dada á Companhia do Norte para ser construída nos trez anos immediatos á construção do troço Povoas-Fão ao qual, como é sabido, foi dado o prazo de dous anos.

N'esse officio declara S. Ex.^a que a Construção do troço Braga-Arcos é de *muito maior importancia* para esta cidade que a outra construção Braga-Espozende, e por isso este ultimo poderia ficar para segundas leituras, ou como se diz em linguagem mais popular—para as Calendas Gregas.

Já sabiamos pelas lições da Historia e larga experiencia que o coração é um factor de soménos importancia no Governo dos Povos e portanto não estranhemos que Braga prefira ao carinho com que devia envolver o seu concelho maritimo, o interesse que a prende ao importante concelho do Distrito de Viana onde precisa de manter a sua hegemonia Commercial ameaçada por ventura com a antecipação da linha do Val-do-Lima a que podia muito bem ligar-se a recoquista do Comercio Vianense sobre o seu arredo concelho.

Todavia tudo se poderia conseguir sem ferir legitimos direitos que o são o facto de ter sido dada a concessão em prazos marcados que estão a correr para a linha Val-do-Cavado a qual podia ter uma construção simultanea com a

linha hoje preferida da cidade de Braga.

Para conseguir o seu objectivo emprega o nosso illustre Chefe argumentos como este: A realização do seu plano poupa á Companhia avultadas despesas a que seria obrigada pelo reforço da ponte de Fão, e pela construção da outra ponte sobre o Cavado para a linha passar para a margem esquerda em direcção a Braga.

Quere dizer: S. Ex.^a prevê e aplande, servindo-lhe mesmo de argumento para conseguir os seus fins, a paragem da linha em Fão por largos annos, o que com certeza o Povo d'Espozende muito tem que lhe agradecer.

E' pena que ao mesmo tempo que lembra essas economias não vá lembrando tambem á Companhia as avultadas despesas que terá a fazer com o reforço, ou construção das pontes sobre o Ave, Cavado e Homem, e ainda com a passagem das serras da Falperra e Portela do Vade. São coisas de somenos importancia porque—quod volumus etc.

Oxalá que esta atitude do Chefe do Distrito, ou mesmo da cidade de Braga sirva para nos abrir os olhos para que d'uma vez para sempre nos converçamos que é com o nosso esforço e união que podemos contar para o nosso Progresso. Se esta fosse perfeita talvez Braga olhasse doutra maneira para nós...

OS PROFETAS DA DESGRAÇA

Um cataclismo cosmico em 1928?

NOVA YORK, 24—O reverendo Walter Brown profetisa um grande cataclismo, para meados de 1928. A nebulosa «Lion», que anda a rondar o espaço solar, será impelida por uma força ignota e fará explosão proximo da Terra. As estrelas que compõem a nebulosa desagregarse-hão, desabando sobre os planetas condenados ao choque fatal. Um bloco formidavel tombará sobre o nosso globo, esmagando parte da humanidade.

A Terra descolocar-se-ha, desaparecendo toda a vida animal á superficie das Americas. A Inglaterra perderá metade do seu territorio insular. Sob a violencia do choque, muitas montanhas da Europa se abaterão, dando lugar a lagos e rios caudalosos.

Um novo continente surgirá nos mares do Haiti. Poucos entes humanos sobreviverão a esta catastofe.

E o imenso cataclismo, que se produzirá numa noite de verão, será precedido de um calor de fundir metais, annunciando a aproximação do bolide destruidor.

A posta rural do Concelho

No ultimo numero deste jornal, á ultima hora, fizemos referencia ao atentado praticado contra as regalias do nosso concelho, em virtude da supressão da distribuição do correio pelas freguezias, resolução do governo ou da direcção geral dos correios, com a qual não podemos concordar por, ella vir concorrer poderosamente para a cada vez maior desagregação do nosso concelho.

Não sabemos a quem attribuir tal medida, nem o fim com que foi praticada, mas seja quem fór o seu author, e seja qual fór o seu fim, não pode passar sem o nosso maior protesto, e crêmos que o terá de toda a villa e concelho, a não sêr que uma onda de inercia e de desanimo tenha feito desaparecer os sentimentos patrióticos dos filhos de Espozende. E' tão grande a injustiça praticada contra as freguezias e regalias do nosso concelho, conquistadas com tanto trabalho ha dezenas de anos, que por mais que queiramos abrandiar o nosso protesto, os nossos sentimentos patrióticos tão profundamente feridos, dizemos que este protesto, custe o que custar, deve sêr levado até onde seja necessario, para que a voz d'este modesto jornal seja ouvida. Parece que tudo se conjuga para ferir de morte o nosso concelho e a nossa terra, nem se lhe conservando o que tanto custou a conseguir n'outros tempos, que já vão longe, e que não podemos deixar de recordar com grande saudade!... E tem sido justamente nos serviços do correio, que nos ultimos anos só tem apparecido medidas que prejudicam a nossa terra, isto é, os seus habitantes, emfim o publico que paga e que continua a ser despresado dos poderes publicos.

Quanto maiores são os encargos, menores são as regalias para esse publico, como passamos a demonstrar. Ha cerca de seis anos, veio um regulamento ou lei que determinou o encerramento da estação do correio da vila ás 19 horas, quando a hora d'esse encerramento era ás 21 horas. A camara reclamou, mas a autoridade superior não atendeu, por têr de se cumprir a nova legislação do horario do trabalho. Mais tarde nova injustiça se queria praticar, limitando os dois correios a um só, mas, felizmente, interveio a tempo a politica local, e tal medida que tanto nos vinha prejudicar, não chegou a entrar em acção. Devemos esse bom ser-

viço ao nosso amigo snr. Jssé Abreu.

Ainda não ha muitos annos, quando as malas chegavam á estação, e enquanto se fazia a apartação, tanto aos domingos á tarde, como toda as noites, o publico esperava a distribuição da correspondencia dentro da sala que é destinada ao publico, mas não sabemos se em virtude de algum regulamento novo, a esse mesmo publico não é mais consentida a permanencia dentro d'aquella sala, acontecendo que quando chove, ou tem de apañhar a chuva, ou recolher-se dentro dos corredores das casas proximas.

Ultimamente, aos domingos, na distribuição da tarde, feita na estação, só são entregues os jornaes e isso mesmo devido á amabilidade do pessoal do correio, pois que o regulamento parece-nos que impede de o fazer. E agora, para que cada vez sejam menores as regalias de quem paga, que é o publico em geral, para que seja mais incompleto a serviço dos correios, vem esta medida, não sabemos proposta por quem, dando como inutil a existencia da posta rural e acabando com ella. De fórma que se essa determinação não fór anulada, nós verêmos em breve a cabeça de concelho cada vez mais desligado das suas freguezias, e portanto mais diminuidas as suas relações commerciaes, que já são poucas, em virtude dos motivos que infelizmente não desconhecemos. Quando a nossa terra quer sahir do atraso em que tem estado; quando ella acaba de instalar a sua luz electrica e na proxima freguezia de Fão e pensa em estendela a outras freguezias; quando a sua Camara trabalha tão activamente para trazer a agua do Búro aos seus habitantes, e fazer tambem a Avenida á beira rio, para mais rapidamente levar os banhistas á nossa esplendida e inegalavel praia de banhos, vem o governo, ou a direcção geral dos correios, e com uma simples penada, atira por terra uma das maiores comodidades dos habitantes das freguezias do concelho. Francamente não podemos supôr qual o fim d'esta infeliz, mais do que isso, desastrosa resolução. Como medida economica não a achamos razoavel, porque as economias fazem-se onde se verifiquem esbanjamentos, e não comprehendendo a nossa intelligencia, como se queiram cortar despesas, que além de serem absolutamente necessarias, tambem trazem receita, a não sêr que queiramos voltar ha um seculo atraz, quando de certo nem correio haveria nas villas senão de mez em mez. Tendo-se feito o glorioso movimento militar para melhorar o

que estava mal—e tanto ha a fazer ainda n'esse sentido—não comprehendemos como se queira peorar o que estava bom.

Ao governo actual, composto de homens verdadeiramente patriotas, e possuidores de intelligencias esclarecidas, nos dirigimos, esperando que não deixará consumir-se esta grande arbitrariedade, revogando o decreto ou portaria que suprimiu a posta rural d'este concelho. E ao Ex.^{mo} Snr. Presidente da Camara, para terminar-nos, pedimos a sua valiosa intervenção junto do Ex.^{mo} Governador Civil, para que este grande amigo d'Espozende, com urgencia, se digne defender a nossa causa que é justa, ficando a nossa terra a dever-lhe mais esse importante serviço.

O crime de Forjães

A confissão do verdadeiro criminoso.

A reconstituição do crime.

Manoel de Torres Dias, casado, 44 annos, residente em Forjães, por delicias do Cabo Ricardino da Lomba, auxiliado pelo sr. João Vasconcelos, e cabo J. Carneiro, acaba de confessar o delicto, matando no dia 21 de Julho de 1927, o negociante Alvaro Brochado.

Os motivos que o levara não foi o de o matar, mas sim para o marcar, pelo facto, de o assassinado lhe matar todos os cães de caça que possuia.

No dia que o matara, disse, tinha Alvaro Brochado dado uma sardinha envenenada ao cão e que o mesmo morrera, tendo acontecido o mesmo a um cão do pae.

Desde que isso aconteceu, alimentou sempre a vontade de lhe dar um tiro.

Esperou pois que o Alvaro sahisse do estabelecimento e disparou-lhe o tiro que lhe ocasionou a morte.

O criminoso, disse ainda que vira momentos antes no estabelecimento, Manoel Ribeiro (o Fernandes) e passar na rua conversando o pae dele José Dias Junior e uma tal Maria da Silva (a Pregaes), dizendo ainda que as unicas pessoas que sabiam por ele o ter dito, eram seu pae e sua mulher.

O criminoso que se acha arrependido do acto que praticara, diz que não se apresentara á justiça por ignorancia, e que desde o dia que praticara o crime nunca mais comera com appetite.

Agora confessa e diz não ter cúmplices, dizendo a espingarda onde estava que é uma caçadeira

e o deposito do chumbo que con-diz com o que foi encontrado no corpo da vitima.

Por aqui se vê o quanto erradas andaram as investigações transactas, e mesmo assim se desfazemos em parte a opinião n'um topico acima, confirmamos ainda a parte da nossa opinião.

Fura Tudo

Doente

Aguarda o leito, um tanto incomodada de sua saude, a extrenosa esposa do sr. João Manoel Mendes, iustre professor official da Escola Amorim Campos, da visinha Fão, mas residente nesta vila.

A' ilustre e dedicada esposa apeteamos-lhes rapidas melhoras.

Para a Africa

Partiu hontem, como aqui já referimos, para a Beira, (Africa oriental) o ex.mo snr. Dr. Artur de Barros Lima, ilustrê filho desta vila e ali distinto advogado e notario, sendo acompanhado até Barcelos por grande numero d'amigos desta vila.

Que tenha uma viagem feliz e que breve regresse ao seio de sua illustre familia é ao convívio dos seus numerosos amigos.

Falecimento

No Porto, faleceu ultimamente, o pae da ex.ma snr.a D. Amelia Rocha Mendes de Oliveira, digna esposa do nosso amigo sr. Guilherme Mendes d'Oliveira, desta vila, a quem por tal motivo endereçamos o nosso cartão de sentidos pezames.

Camara de Espozende

O sr. Governador Civil comunicou ao administrador do concelho de Espozende, que o sr. Ministro da Marinha autorizou a fazer parte da Comissão Administrativa da Camara daquele concelho o 2.º tenente do quadro auxiliar, sr. Jaime Olimpio, delegado marítimo naquela vila. (Do «Correio do Minho»)

Tinta para marcar

roupa—A melhor marca, franceza, de Alexander, vende-se com 30 º a menos do que em outra parte. Resultado garantido.

Papel plissado

Que serve para muitas applicações, em todas as côres e mais uma, a preços sem rival por peça ou ao metro. Grande sortido

Lacre em todas as côres, go-marabica em frascos, lapis Faber, canetas elegantes, aparos de todos os gostos, papel em caixas, prende papeis, giz, tintas alemãs e nacionaes, só á venda na Livraria Espozendense.

FRANCISCO GARRIDO

«Chavi do Pinheiro»

Acompanhado do nosso amigo e colaborador d'este jornal, snr. Armindo Eiras, visitou-nos a semana finda, o snr. Francisco Rodrigues Garrido, negociante no Rio de Janeiro, jornalista onde tem demonstrado varias vezes o grau da sua intelligencia fecunda, aliado ao seu espirito alacre, ao tratar dos assumptos patrios.

Este amigo a quem este jornal saudou ao cumprimental-o, tem enviado cartas cheias de entusiasmo para o nosso colega «Maria da Fonte» que se edita na Povoia de Lanhoso, com o pseudonimo de Chavi do Pinheiro, que são muito apreciadas.

Esperamos que gose bem este cantinho do Portugal que ele idolatra, e, de acordo com o que nos prometeu venha até nós, —a esta Espozende,—saudar e aquilatar esta terra, onde disse, —virei passar alguns dias, para melhor a sentir, e poder dizer algo da sua beleza, que á primeira vista se me deparou, para lá fora poder dizer a quem me proguntar tudo quanto ella possui de bom, belo e seductor, e ainda as necessidades que possua, para que as apregoando, as possam satisfazer.

A LUZ NA EGREJA

No nosso ultimo numero, por um lamentável esquecimento, não fizemos referencia á eloquente oração que sobre esse melhoramento produziu o digno reitor da villa, o que com prazêr fazemos agora, não podendo deixarmos de dizer que Sr. Ex.^{ma} fallou com o brilho do costume sobre o acto que se acabava de inaugurar, e tambem fez feliz referencia á grandeza da nossa Igreja considerando-a um monumento pelo valor da sua architectura e dos seus altars, onde ha arte de D. João V. e da Renascença. Discursou ainda sobre o amor que todos devemos ter á Igreja onde pela primeira vez entramos, recebendo o sagrado baptismo, e onde pela ultima vez iremos quando a caminho da viagem derradeira. ... Ainda discursou sobre o amor e o respeito que todos os parochianos devem ter pela sua Igreja, e as suas palavras, proferidas com verdadeira sinceridade, impressionaram profundamente a assistencia que era numerosa.

Os nossos parabens ao distincto orador e muito digno reitor da villa o Ex.^{mo} Snr. P.^c Adelino Pedrosa.

POR 400!

Uma elegante caixa de papel

com 50 envelopes forrados e 50 folhas de papel branco, á venda na nossa Livraria—Rua Direita.

EXPEDIENTE

Não pode o nosso jornal hoje comportar todos os escritos que lhe estavam destinados, deixando por isso de ser publicados varios originaes de grande interesse e reportagem.

Irão no proximo numero a sair.

Joel Magalhães**MEDICO**

Consultas das 9 ás 12.
Rua Barão de Espozende.

ANUNCIOS**EDITAL**

(N.º 1)

SERVICO ELEITORAL

José Augusto d'Almeida Abreu, chefe de Secretaria da Camara e funcionario recenseador do concelho de Espozende:

FAZ PUBLICO, nos termos e para os fins constantes do art.º 5, n.º 1 do Decreto n.º 14.802 de 29 de Dezembro ultimo, que se está a proceder á elaboraçao do recenseamento eleitoral referente ao corrente ano de 1928, pelo que convida todos os cidadãos do concelho a comparecerem até ao dia 16, inclusivé, na Secretaria da Camara, afim de prestarem os esclarecimentos necessarios para a inscriçao dos eleitores e exclusao dos indevidamente inscritos no recenseamento anterior.

Mais torna publico que pelo disposto em o art.º 1.º do citado Decreto, tem o direito de voto:

§ 1.º Todos os cidadãos portugueses originários do sexo masculino maiores de vinte e um anos, ou que os completem até 28 de Fevereiro, residentes em territorio nacional há mais de seis meses, compreendidos em alguma das seguintes categorias:

a) Saibam ler e escrever;
b) Sejam chefes de familia, considerando-se como tais os que há mais de seis meses á data do primeiro dia do recenseamento viverem em comum com qualquer ascendente, descendente, irmão, tio, sobrinho ou com sua mulher, tendo a seu cargo a manutencao da familia;
c) Tenham economia e vida proprias, provendo inteiramente aos seus encargos.

§ 2.º Todos os cidadãos portugueses originários do sexo masculino residentes em territorio nacional que, embora não possuam a maioridade estabelecida no § 1.º:

a) Sejam emancipados, estando compreendidos em alguma das alíneas daquele parágrafo;

b) sejam diplomados com um curso superiores em qualquer universidade, escola ou academia, tanto nacional como estrangeira.

§ 3.º Os cidadãos portugueses do sexo masculino, naturalizados há mais de dois anos, e residentes em territorio nacional, quando compreendidos em algum dos §§ 1.º e 2.º, e os combatentes da Grande Guerra em França e Africa, embora não estejam compreendidos em nenhum daqueles parágrafos.

Para constar se afixou o presente edital, e outros de igual teor, nesta vila e freguezias do concelho, o qual vai ser transcrito em todos jornaes do concelho.

Espozende e Secretaria da Camara, 4 de Janeiro de 1928.

O Funcionario Recenseador,

José Augusto d'Almeida
Abreu.

Convite

A Comissão Executiva Local de Espozende do Instituto de Socorros a Náufragos, vem por este meio convidar todos os Socios que tenham pago as suas quotas até fins de Dezembro ultimo, a comparecerem, no dia 15 do corrente, pelas 15 horas, no edificio deste Instituto, afim de dar cumprimento ao n.º 3o do artigo 51 do regulamento dos Serviços de Socorros a Náufragos ou seja para eleição dos membros que devem fazer parte da Comissão Executiva Local durante o ano de 1928 e seus respectivos suplentes.

Espozende, 31 de Dezembro de 1927.

O Presidente,
JAYME OLYMPIO
2.º Tenente.

Concurso

A Comissão Administrativa da Camara Municipal de Espozende:

Abre concurso para o fornecimento, durante o futuro ano de 1928:

1) Do expediente da Secretaria da mesma Camara; e

2) Do material electrico necessario aos Serviços municipalizados.

As propostas serão feitas em separado, por, car-

ta fechada e lacrada, devidamente assinadas, e entregues até 7 de Janeiro proximo, nesta Secretaria onde se encontram as respectivas condições expostas ao exame do publico todos os dias uteis das 10 ás 16 horas.

Espozende, Secretaria da Camara, 26 de Dezembro de 1927.

E eu José Augusto d'Almeida Abreu, o subscrito.

O Presidente,
Lauro de Barros Lima.
Tenente.

8 a 10 contos

Precisa-se desta quantia a juro rasoavel. O tomador dá hypotheca garantida.

Quem o tiver e queira transacionar pode pedir informes nesta redacção.

Dr. Fernando Moreira

Clinica geral e da especialidade de doenças da boca e dentes, pelos processos mais modernos.

RUA D. ANTONIO BARROSO
Antiga Rua Direita

BARCELOS**PASSAPORTES****Agencia Brazil**

DE

ANTONIO LOPES RODRIGUES D'AREIA

Preferir esta Agencia é ter a certeza de ir ao seu destino dentro da maior legalidade.

Antonio Lopes Rodrigues d'Areia.

CONSULTORIO DENTARIO

Camilo Ramos, Cirurgião-Dentista e Farmaceutico com consultorio em Barcelos, Famalicão e Santo Tirso, abre brevemente consultorio nesta vila, dando consultas aos domingos.

Previe os seus Ex.^{mos} Clientes que acaba de fazer uma reduçao de trinta por cento em alguns dos seus trabalhos de cirurgia e protese dentaria.

DINHEIRO

Precisa se 10 a 15 contos com urgencia.

Dá-se hypotheca bem garantida.

Diz-se nesta redacção.